

UM ESTUDO SOBRE ABORDAGENS DIDÁTICAS UTILIZADAS POR FERNANDO C. CAPOVILLA NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Bárbara Passos Santos¹

Laura Pimentel de Barros Dias²

Kathia Cilene Santos Nascimento³

Pedagogia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar os déficits encontrados na alfabetização de crianças surdas, tanto na didática utilizada na escola comum, quanto nas dificuldades naturais que os alunos surdos encontram ao se depararem com a língua portuguesa escrita. Também se ocupará de analisar formas de sanar esses déficits por abordagens propostas pelo neuropsicólogo Fernando C. Capovilla. Dessa forma, realizou-se um apanhado da história educacional do aluno surdo até a análise das estruturas da língua portuguesa e da língua de sinais. Para tal, foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica descritiva. Conceitos como bilinguismo, fonética, leitura orofacial, e aspectos visuais da fala apresentados por autores como Capovilla (2000), Hansen (1990), Sacks (1990), Lacerda (1998), Ramos (2004), Bolovon (2011) e Frith (1990) foram abordados. Conclui-se que a libras é ferramenta fundamental para a boa compreensão da língua portuguesa escrita pelo aluno surdo, onde o mesmo pode se apoiar, já que não possui acesso ao som da fala. Reconhecendo e respeitando a Libras como língua materna do aluno, garante-se ao mesmo a cidadania e o pleno exercício das suas capacidades como indivíduo. A Libras como instrumento metalinguístico na apreensão do código alfabético português, favorece também, a formação dos surdos ampliando a possibilidade de desenvolvimento da compreensão dos aspectos sensoriais da fala.

PALAVRAS-CHAVE

Alfabetização. Surdos. Bilinguismo. Libras. Português.

ABSTRACT

This article aims to identify the deficits found in the literacy of deaf children, both in the didactics used in the common school and in the natural difficulties that deaf students encounter when they come across the written Portuguese language. He will also analyze ways to address these deficits through approaches proposed by neuropsycholinguist Fernando C. Capovilla. Thus, a survey of the educational history of the deaf student was carried out until the analysis of the structures of Portuguese language and sign language. For this, the methodology of descriptive bibliographic research was used. In this paper, we present the results of a study of bilingualism, phonetics, orofacial reading and visual aspects of speech presented by authors such as Capovilla (2000), Hansen (1990), Sacks (1990), Lacerda (1998) were addressed. It is concluded that the Libras are fundamental tools for the good understanding of the Portuguese language written by the deaf student, where the same one can support, since it does not have access to the sound of the speech. Recognizing and respecting Libras as the student's mother tongue, it guarantees citizenship and the full exercise of their skills as an individual. Libras as a metalinguistic instrument in the apprehension of the Portuguese alphabetical code also favors the formation of the deaf widening the possibility of developing understanding of the sensorial aspects of speech.

KEYWORDS

Literacy. Deaf people. Bilingualism. Libras. Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

Uma problemática presente na atualidade é a inclusão do surdo no meio ouvinte, tanto no aspecto da comunicação, quanto da escolarização. Quando estimulado desde cedo à aquisição da Libras, a criança surda passa a ter maior possibilidade de interação social, porém, o desenvolvimento da escrita ainda assim não estará garantido, devido a diferença estrutural entre a língua portuguesa escrita e os sinais.

A Libras a principal forma de comunicação entre os surdos, esse idioma serve como instrumento metalinguístico na aquisição da língua portuguesa escrita, sendo necessário o desenvolvimento de estudos sobre a aplicação prática das melhores técnicas a serem usadas na alfabetização dos surdos. O presente estudo, baseado nas teorias de Fernando C. Capovilla, visa apresentar abordagens que possam ser utilizadas com o propósito de alfabetizar de forma eficaz, sem restringir o aluno surdo no entendimento pleno da escrita.

Dentro desse contexto, questiona-se: quais os desafios linguísticos encontrados na alfabetização de crianças surdas? Quais as abordagens mais adequadas e eficazes para esse processo? Será que é possível uma alfabetização por meio da percepção orofacial?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo: identificar as principais dificuldades encontradas nas abordagens de alfabetização de crianças surdas; analisar práticas didáticas propostas por Capovilla, que desenvolvam a leitura e a escrita da língua portuguesa em crianças com surdez.

Justifica-se a pesquisa pela importância que a educação especial possui nos dias atuais, pelo desconhecimento de métodos adequados que garantam o aprendizado da língua portuguesa escrita sem gerar lacunas de entendimento a criança surda. Buscando abordagens eficazes de alfabetização nesse contexto, proporciona-se aos alunos surdos a possibilidade de uma cidadania plena.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, cuja bibliografia utilizada foram as publicações, livros e artigos científicos do professor e neuropsicólogo Fernando C. Capovilla. Acredita-se que, a partir do presente estudo e da análise das demais publicações do autor, o tema da alfabetização de crianças surdas poderá ser aprofundado e ampliado no meio acadêmico, dando oportunidade de trazer à tona discussões relevantes sobre o tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL ESPECIAL

O contexto de linguagem da pessoa com surdez já passou por diferentes momentos históricos. Até os anos 1960, o enfoque da educação estava no método oralista, que enxergava nos sinais um perigo para o desenvolvimento da linguagem oral (SACKS, 1990 apud CAPOVILLA, 2000, p. 101). Por meio de insistentes e prolongadas tentativas de utilização do referido método, o resultado obtido foi, segundo Capovilla (2000, p. 102): “o rebaixamento significativo do desempenho cognitivo dos surdos”.

A partir da década de 1960 até a década de 1990, começa a surgir um maior desenvolvimento na área técnica com o propósito de reparar os déficits cognitivos por meio de aparelhos auditivos, desenvolvimento de novos modelos gramaticais e implantes cocleares, sempre com uma grande expectativa de sucesso. Porém, mesmo com um pequeno avanço em relação ao método oralista, a aquisição normal da linguagem ainda não estava garantida ao surdo (CAPOVILLA, 2000).

O início das pesquisas referentes à linguagem de sinais se deu na década de 1960, mas foi na década de 1970 que, de acordo com Capovilla (2000, p. 104):

[...] a filosofia educacional oralista estrita cedeu lugar à filosofia educacional da *comunicação total*, que propunha fazer uso de todo e qualquer meio de comunicação (quer palavras e símbolos, quer sinais naturais e artificiais) para permitir à criança surda adquirir linguagem.

Os recursos utilizados no método de comunicação total baseavam-se no vocabulário da língua de sinais, porém, acrescentado a esta, aspectos da língua falada.

Nele, a importância maior é dada à língua falada e a língua de sinais deveria se orientar por ela. Como nos explica Capovilla (2000, p. 105):

[...] pode ser usado com graus variados de marcação gramatical, começando a partir de uma forma telegráfica e progredindo até construir a estrutura linguística plena (como por exemplo: 1. João; 2. dê João; 3. dê para João; 4. dê para o João).

Como nos aponta Capovilla, diversos foram os sistemas criados em todo o mundo para desenvolver a comunicação total: métodos manuais, objetivando a melhora da leitura labial; sinais combinados em sentenças; soletração digital; classificação dos padrões labiais, entre outros. De acordo com Hansen (1990 apud CAPOVILLA, 2000), começaram a surgir desafios aos quais os sistemas de comunicação total não conseguiam superar, como por exemplo a limitação na escrita e leitura, onde os alunos não obtinham uma versão visual da língua falada, mas sim uma amostra linguística incompleta e inconsistente, onde nem os sinais e nem as palavras faladas podiam ser compreendidas por si só.

A partir de diversos estudos na área, concluiu-se que o bilinguismo seria o meio mais adequado para a educação de crianças surdas, onde a língua de sinais e a língua portuguesa poderiam conviver lado a lado, porém não simultaneamente. Instruída desde cedo na língua de sinais, a criança teria na Libras, a sua língua materna e no português escrito uma segunda língua.

2.2 O USO DA LIBRAS

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é considerada uma linguagem natural, pelo fato de poder ser adquirida por meio do simples contato de crianças da mais tenra idade à comunidade gesticuladora, configurando-se em língua materna. Ela se baseia na gesticulação manual e expressão facial para dar significado às expressões. Sua estrutura é composta por “unidades mínimas na dimensão gestual (queremas)”, que, ao serem combinadas, “pode-se produzir um grande número de unidades com significados (sinais)” (LACERDA, 1998).

De acordo com Hickok e outros autores (apud CHAVEIRO, 2006, p. 167): “a língua de sinais é um sistema lingüístico (sic) altamente estruturado e tão complexo como as línguas faladas, estruturando-se neurologicamente nas mesmas áreas cerebrais das línguas orais”.

O início oficial da educação de surdos com base na Língua de Sinais no Brasil se deu no ano de 1857. Por mais que o referido ensino tenha passado por uma diversidade de adaptações e métodos, ora voltados para a fala, ora voltados para a recuperação auditiva, o Língua de Sinais nunca desapareceu da comunicação da população surda (RAMOS, 2004). Por meio da Libras, o surdo adquire sua cidadania, participa da vida social e constrói a sua individualidade, sendo respeitado na sua singularidade.

2.3 MÉTODO FÔNICO

Baseado nos sons das letras, o método fônico busca uma associação grafo-fonêmica das palavras, levando à aquisição da leitura e da escrita de forma gradual, onde a decodificação se dá pelo nível mais simples (unidade sonora, letra), posteriormente às sílabas e, finalmente, às palavras e textos.

Segundo Frith (1990 apud CAPOVILLA, 2003; 2004), o desenvolvimento da estratégia fonológica da criança ocorre no estágio alfabético, quando esta começa a adquirir conceitos e estruturar mentalmente as regras da escrita e leitura em detrimento da decodificação apenas visual caracterizada pela fase logográfica anterior. De acordo com Alessandra Capovilla (2004, p. 192):

O acesso ao significado é alcançado mais tarde, quando a pronúncia da palavra (isto é, sua forma fonológica) ativa o sistema semântico. Contudo, pode haver leitura sem que haja acesso ao significado. Assim, na rota fonológica, a pronúncia é construída por meio da conversão de segmentos ortográficos em fonológicos, e o acesso ao significado, caso ocorra, é alcançado mais tarde, pela mediação da forma fonológica da palavra.

Pelo fato da criança surda não ter acesso aos sons, a aquisição da compreensão alfabética se torna dificultosa, porém não impossível. Como indicado por Capovilla (2011, p. 108), existem métodos utilizados desde o século XVIII que consistem em executar os sinais próximos à face para aumentar a legibilidade orofacial e a distinção de fonemas semelhantes. Com a articulação facial bastante semelhantes, a exemplo das letras b e p, d e t nas palavras bato/pato e dado e tato, no sistema Cued Speech (CAPOVILLA, 1988; CORNETT, 1975), a estratégia é usar sinais de mãos específicos, próximos à face, para diferenciar tais fonemas.

2.4 ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA

Para que o processo de alfabetização se inicie, primeiramente é preciso que a criança tenha desenvolvido a sua capacidade de comunicação por meio da língua materna, seja ela o português ou a Libras.

Com o direito a inclusão da criança surda na rede de ensino regular decretado na Lei nº 9394 da Lei de Diretrizes e Bases (1996), além da contratação de intérpretes de Libras para possibilitar a comunicação com/dos alunos surdos no ambiente escolar, se torna primordial o conhecimento e a adoção de técnicas e abordagens que conciliem o código alfabético Português ao Sistema de Língua de Sinais, por parte dos profissionais da educação. Este último sistema, dentro do ambiente escolar, dá todo o apoio para a compreensão do primeiro.

É papel da escola instigar a curiosidade, o interesse e a elaboração de respostas dos alunos surdos referentes ao conhecimento da língua portuguesa, bem como

estabelecer uma comunicação bilíngue para que o aluno tenha total acesso ao conteúdo (BOLOVON, 2011, p. 4322). Para tanto, se faz necessário aprofundar o conhecimento das estruturas das duas línguas.

Os dois sistemas de linguagem divergem, segundo Capovilla (2009, p. 506), nos níveis: “Lexical (os sinais diferem das palavras), sublexical (os quiremas diferem dos fonemas), das unidades de significado (os morfemas da Libras diferem dos do Português), sintático (os arranjos das frases se diferem)”.

Na criança ouvinte, a leitura e escrita do português se dão a partir de um léxico fonológico e de um léxico lalêmico³ adquiridos por meio da linguagem materna a qual foi exposta e que a permite decifrar os códigos alfabéticos. Segundo Robinson e MacGuinness (1995, 2004 apud CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2006), todas as modalidades de escrita se baseiam na codificação dos sons da fala, por isso, a aquisição da linguagem escrita necessita do ensino sistemático de um código arbitrário de correspondência entre a língua primária e a língua escrita, já que essa última não é natural e pré-programada no desenvolvimento dos indivíduos (CAPOVILLA; CAPOVILLA; MACEDO, 2006).

Porém, na criança surda, que não tem acesso aos fonemas, a aquisição da escrita e leitura do português se dá na maioria das vezes apenas pela decodificação ortográfica das palavras a partir de figuras. Como aponta Capovilla (2009, p. 510), a leitura global acarreta em erros de detecção de grafemas, pois há uma prevalência da discriminação visual logográfico-ideográfico e pré-alfabético, ou seja, a criança tem mais facilidade na leitura de palavras que aparecem com maior frequência no seu meio de convívio.

Uma das maneiras pesquisadas para solucionar tal problema é, primeiramente ensinar o código alfabético por meio da língua materna da criança (no caso, a Libras), e posteriormente adotar um sistema que permita à criança surda a experiência visual dos sons da fala. Segundo Capovilla (2009, p. 507):

A fala tem dimensões outras além da fonológica, como, a dimensão visêmica, que provê a experiência visual da fala, permitindo a leitura orofacial das palavras na face do interlocutor, e a dimensão lalêmica, que provê a experiência cinestésica e proprioceptiva, permitindo reverberar os visemas do interlocutor e, assim, melhor processá-los, ensaiá-los, memorizá-los e fixá-los.

Perceber a dimensão ampla da fala acarreta na consciência de que o aluno surdo é capaz de ter acesso ao sistema alfabético sem abrir mão da sua língua materna e até encontrar similaridades e fazer correlações estruturais entre as duas línguas. “Para

³ “O léxico lalêmico constitui a matéria-prima para o desenvolvimento da consciência lalêmica, ou seja, a consciência da criança de que as palavras que ela fala externamente [...] e internamente [...] são compostas de unidades discretas de articulação [...] que se combinam e recombinaem na articulação das palavras faladas, e que podem ser representadas por grafemas”. (CAPOVILLA, 2009, p. 506).

isso é preciso fomentar as habilidades de expressão e compreensão por meio de língua de sinais, e as habilidades de codificação e decodificação por meio da ancoragem na fala (CAPOVILLA apud SÁ, 2011, p. 77).

Uma abordagem no mesmo sistema, proposta por Lima (1994), em seu método "Professora de Papel", baseado na fonética, propõe uma orientação do aluno surdo quanto aos aspectos sensoriais da fala, utilizando-se do tato para que o ele sinta a vibração das cordas vocais ao pronunciar os sons das letras e oferecer um pequeno espelho ao aluno para que ele observe o movimento da própria boca, ao articular as letras, as sílabas e as palavras.

O aparelho fonador, que é constituído pelos pulmões, pela laringe, pela faringe e pelas cavidades oral e nasal, se manifesta em cada som emitido, ressonando ou vibrando, tornando-se um instrumento para indicar as diferenças e semelhanças fônicas, facilitando o aprendizado de consoantes visêmicamente idênticas, como é o caso das letras f e v, porém foneticamente distintas

Além dos aspectos sensorial e visual da fala, Capovilla (2006, p. 5) desenvolveu estudos que abordam a importância de se trabalhar com os morfemas na alfabetização de surdos, tanto na língua portuguesa quanto na Libras. Os morfemas se constituem nas menores unidades de significado das palavras. No Português, temos por exemplo, o radical, as desinências e os afixos. Essas estruturas, quando combinadas, dão sentido às palavras.

Na Libras, "os sinais aparentados em significado tendem a compartilhar os mesmos morfemas, assim como ocorre em palavras aparentadas de significado" (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 2006). Aprendendo essas estruturas básicas, os surdos teriam acesso a uma nova rota semântica, levando-os a um conhecimento mais profundo do significado das palavras e compreendendo-as em suas especificidades.

Pesquisas avaliativas realizadas por Capovilla e Capovilla (2004, 2006a, 2006b) e Capovilla, Viggiano e outros autores (2004) revelaram paragrafias quirêmicas, ortográficas e semânticas entre os alunos surdos. As paragrafias quirêmicas se constituem em erros de escrita onde o aluno surdo nomeia uma figura, evocando o sinal manual, porém, troca o nome correto da figura pelo nome de uma palavra com a articulação de mãos semelhantes, demonstrando uma escrita baseada na sua própria língua materna. Tais estudos resultaram nos diversos volumes da Enciclopédia de Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c) onde o autor se utiliza do método *SignWrite*:

Cuja leitura sinaliza diretamente à mente do surdo, assim como a decodificação da escrita alfabética fala diretamente à mente do ouvinte, e que permite aos consulentes, tanto surdos quanto ouvintes, concentrar-se nos quiremas enquanto unidades mínimas dos sinais que permitem distinguir entre dois sinais lexicais que compõem pares mínimos. (CAPOVILLA et al., 2000, [s.p.]).

Os estudos indicados pelo referido autor partem do pressuposto de que a criança tenha sido ensinada pelo método bilíngue. Uma boa compreensão e domínio da língua de sinais é pré-requisito para uma boa alfabetização da língua portuguesa. Uma pesquisa de estudo dinamarquesa realizada por Hansen (1990), citada por Capovilla (2000, p. 110), acompanhou o desenvolvimento de nove crianças surdas ao longo de oito anos. Revelou-se que, ao serem ensinadas primeira e exclusivamente com a língua de sinais, as crianças se mostraram suficientemente aptas, nos anos posteriores, nas habilidades em escrita, leitura e até mesmo oralização.

Como a educação deve olhar para a criança em suas especificidades, se faz necessário que a criança surda seja escolarizada primeiramente numa escola de surdos, para então ser inserida numa escola normal no contraturno. Dessa forma, valoriza-se o aluno na sua condição de não-ouvinte e dá-se condição para que ele adquira a ferramenta da comunicação, fundamental para a plena atuação do indivíduo no meio social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo, buscar respostas quanto aos desafios da alfabetização de crianças surdas. Concluiu-se que a abordagem bilíngue é a mais adequada nesse processo, não só por facilitar cognitivamente a aprendizagem dos alunos, mas também por ressignificar o contexto de comunicação do surdo. Considerando-se, ainda, a Libras como o idioma materno deste sujeito. É portanto, fundamental valorizar a libras enquanto idioma e o surdo como cidadão capaz de atuar com plenitude no meio social.

Percebeu-se que, tendo a Libras como instrumento metalinguístico na apreensão no código alfabético português, os aspectos sensoriais da fala, como as vibrações das cordas vocais e os visemas orofaciais podem ser trazidos e abordados de forma a auxiliar no processo de alfabetização, facilitando até mesmo o desenvolvimento da fala e a leitura labial. Esta última, a partir das análises feitas no presente estudo, demonstrou-se como consequência de uma alfabetização eficaz, ou seja, a alfabetização é um pré-requisito para que a criança surda consiga fazer leitura orofacial.

Demonstrou-se como as paragrafias são frequentes onde o ensino é baseado na oralização, sem levar em consideração a estrutura linguística que o surdo possui, que é diferente da estrutura linguística de um ouvinte. Foi percebido, por meio desse estudo, a importância das escolas bilíngues para o aprendizado dos alunos surdos e a necessidade da utilização da Libras nas escolas comuns para a inserção adequada e sua valorização na sociedade.

REFERÊNCIAS

BOVOLON, Stefan. **Competências e habilidades escolares de alunos surdos**. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

CAPOVILLA, Alessandra G. *et al.* Estratégias de leitura e desempenho em escrita no início da alfabetização. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v.8 n.2, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000200007>. Acesso em: 20 abr. 2016.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, n.1, 2000. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf>. Acesso em: 5 maio 2016.

CAPOVILLA, Fernando C. Uma visão compreensiva dos transtornos de aprendizagem. In: SENNYEY, A.L.; CAPOVILLA, F.C.; MONTIEL, J.M. (Org.). **Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação**. São Paulo-SP: Artes Médicas, 2008.

CAPOVILLA, Fernando C. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: SÁ, N.R.L. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Valer e Edua, 2011.

CAPOVILLA, Fernando *et al.* Processos logográficos, alfabéticos e lexicais na leitura silenciosa por surdos e ouvintes. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.1, p.15-23, jan-abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n1/28004.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

CAPOVILLA, Fernando C.; CAPOVILLA, Alessandra G. Seabra; MACEDO, Elizeu Coutinho de. Recursos de reabilitação de distúrbios da comunicação e linguagem para melhor qualidade de vida em quadros sensoriais, motores e cognitivos. **Mundo da Saúde**. São Paulo, 2006

CAPOVILLA, F.C. *et al.* **Alfabetização produz leitura orofacial? Evidência transversal com ouvintes de 1ª a 3ª séries da educação infantil, e de coorte (transversal-longitudinal) com surdos de 4ª a 8ª séries do ensino fundamental**. São Paulo-SP: Artes Médicas, 2009.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. A surdez, o surdo e seu discurso. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.6, n.2, p.166-171, 2004. Disponível em <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista6_2/pdf/Orig3_surdez.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas, v.19 n.46, set. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007>. Acesso em: 18 maio 2016.

LIMA, Cleunice Orlandi de. **Professora de papel**: língua portuguesa 1º grau -manual do professor. São Paulo, 1994. Disponível em: <<http://professoradepapel.com.br/wordpress/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

RAMOS, Clélia Regina. LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros. **Revista virtual de cultura surda**, 2004. Disponível em: <[http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1\)%20Ramos%20REVISTA%2011.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1)%20Ramos%20REVISTA%2011.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SÁ, N.R.L. (Org.). **Surdos**: qual escola? Manaus: Valer e Edua, 2011.

Data do recebimento: 18 de junho de 2017

Data da avaliação: 1 de julho de 2017

Data de aceite: 1 de julho de 2017

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: laurapimenteldias@gmail.com.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: barbara_passos@outlook.com

3 Mestra em Educação e Professora, Universidade Tiradentes – UNIT; Especialista em Língua de Sinais brasileira LIBRAS pela Faculdade Pio Décimo e em Linguística pela Faculdade Universidade Gama Filho – UGF/Rio de Janeiro e em Políticas Públicas e Contextos Educativos pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP/João Pessoa; Graduada em Letras Português, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: kathia.nascimento@hotmail.com